

O infantil no dispositivo de análise com criança e com adulto

Maria C G Maia A do Brasil

De onde veio a ideia para o texto? Veio do trabalho no espaço de Psicanálise com criança, na Escola Brasileira de Psicanálise Movimento Freudiano, quando nos debruçamos sobre a questão do infantil e, paralelamente, sobre as diferenças no dispositivo de análise com criança e com adulto a partir de nossa prática na creche Nossa Senhora Aparecida. O trabalho, então, foi o de reunir esses dois caminhos, traçando um percurso de entrecruzamento: por que não usar o ‘infantil’ como um mote para melhor delimitar essa suposta, ou não, diferença? Até porque, fazendo minhas as palavras de Lacan: “quando falamos do ser adulto a que referência estamos nos referindo?” (Seminário da Ética, p. 37).

Infantil é um significante que, a princípio, na obra de Freud sempre vem acompanhado, não anda sozinho: a sexualidade é infantil; a amnésia é infantil; a neurose é infantil. Nessa lógica, se dermos uma olhada nos principais dicionários de psicanálise, não existe a entrada ‘infantil’ como conceito autônomo e delimitado; com exceção para a obra de Alain de Mijolla, que faz um certo apanhado do termo, misturando a posição de Freud com outros autores menos expressivos.

Num dicionário etimológico da língua portuguesa, ‘infantil’ é aquilo que está na idade da criança, próprio de criança, ingênuo, bobo, inocente. A língua francesa traz essa aproximação no nível significante: *enfant* e *infantile*. Para mantermos a aproximação em português, seria necessário usarmos a palavra *infante*. Mas o que há entre o infante e o infantil?

Começo pela **sexualidade**. Se pensarmos inicialmente nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), o infantil aqui aparecerá no segundo ensaio dedicado às crianças, nomeado *A sexualidade infantil*. O infantil é pensado numa relação direta com a criança, criança num sentido cronológico, histórico. Nos outros ensaios, inicia um vislumbre do que mais tarde será definido como sendo o infantil do sexual.

No primeiro ensaio, *Aberrações Sexuais* – dos adultos – lemos, no final, o gancho para a passagem à teoria relativa à criança:

“Mas devemos dizer ainda que essa suposta constituição que exhibe os germes de todas as perversões só é demonstrável na criança, mesmo que nela todas as pulsões só possam emergir com intensidade moderada. **Vislumbramos assim a fórmula de que os neuróticos preservaram o estado infantil de sua sexualidade ou foram retransportados para ele.** Desse modo, nosso interesse volta-se para a vida sexual da criança, e procederemos ao estudo do jogo de influências que domina o processo de desenvolvimento da sexualidade infantil até seu desfecho na perversão, na neurose ou na vida sexual normal”.

No terceiro ensaio, *Transformações da Puberdade*, a sexualidade infantil ganha um caráter de maturidade, nas palavras de Freud: “Com a chegada da puberdade introduzem-se as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal

definitiva. Até esse momento, a pulsão sexual era predominantemente auto erótica; agora encontra o objeto sexual”.

Sobre a **amnésia infantil**, a expressão aparece, pela primeira vez, em referência à memória, no texto *Lembranças encobridoras* (1899), e vem indexado como ‘amnésia cobrindo os primeiros anos’ em contraposição à amnésia histérica. Em 1901, com *A psicopatologia da vida cotidiana*, aparece a expressão amnésia infantil como um fator surpreendente; não ainda ligado à saída do Complexo de Édipo como articulado nos *Três ensaios*, mas à importância das realizações da criança no período de vida que gira em torno dos quatro anos. Diz Freud:

“Em minha opinião, aceitamos com demasiada indiferença o fato da amnésia infantil – isto é, a perda das lembranças dos primeiros anos de vida – e deixamos de encará-lo como um estranho enigma. Esquecemos quão grande são as realizações intelectuais e quão complexos são os impulsos afetivos de que é capaz uma criança de quatro anos, e deveríamos ficar atônitos ante o fato de a memória dos adultos, em geral, preservar tão pouco desses processos anímicos, sobretudo já que temos todas as razões para supor que essas mesmas realizações infantis esquecidas não terão resvalado pelo desenvolvimento da pessoa sem deixar marcas, mas terão, antes exercido uma influência determinante sobre todas as fases posteriores de sua vida. E, malgrado essa eficácia incomparável, foram esquecidas! Isto sugere que existem, para o ato de lembrar (no sentido da reprodução consciente), condições especialíssimas de que não tomamos conhecimento até agora. É perfeitamente possível que o esquecimento da infância nos possa fornecer a chave para o entendimento das amnésias que, segundo nossas descobertas mais recentes, estão na base da formação de todos os sintomas neuróticos” (p.55).

Até aqui continuamos com um infantil ligado, aparentemente, a uma época cronológica que deixa, entretanto, rastros e fixações do sexual na vida adulta de um neurótico.

A **amnésia infantil**, em 1905, novamente nos *Três Ensaios*, já indica uma relação traumática do sexual da ordem do recalque e da latência, na medida em que o adulto se vê às voltas em dizer sobre uma experiência de ordem sexual onde ainda não existia fala articulada na criança:

“Creio, pois, que a amnésia infantil, que converte a infância de cada um numa espécie de época pré-histórica e oculta dele os primórdios de sua própria vida sexual, carrega a culpa por não se dar valor ao período infantil no desenvolvimento da vida sexual. Um observador não pode preencher as lacunas assim geradas em nosso conhecimento. Já em 1896 [*Etiologia da histeria*] frisei a significação da infância para a origem de certos fenômenos importantes que dependem da vida sexual, e desde então nunca deixei de trazer para primeiro plano o fator infantil na sexualidade”.

Com o caso do Homem dos Lobos (1918), a **neurose infantil** vira título de trabalho e ganha ares mais complexos, pois é desse infantil que se trata no encaminhamento desse caso. Fala Freud na introdução:

“Minha descrição tratará, portanto, de uma neurose infantil que foi analisada não enquanto realmente existia, mas somente quinze anos depois de haver terminado. Esse estado de coisas tem suas vantagens, bem como desvantagens, em comparação com a

alternativa. Uma análise conduzida sobre a própria criança neurótica deve normalmente parecer mais digna de confiança, mas não pode ser muito mais rica em material; demasiadas palavras e pensamentos tem que ser ‘emprestados’ à criança, e ainda assim os estratos mais profundos podem tornar-se impenetráveis para a consciência. Uma análise de um distúrbio da infância por meio da recordação de um adulto intelectualmente maduro está livre dessas limitações; mas é preciso que levemos em conta a distorção e a reelaboração às quais o passado de uma pessoa está sujeito, quando visto na perspectiva de um período posterior. A primeira alternativa dá, talvez, resultados mais convincentes; a segunda é, com sobras, a mais instrutiva.”

Aqui Freud estabelece, já, uma distinção entre os dispositivos do trabalho analítico com a criança e com o adulto, elaborando o fator sexual; em suas palavras, a criança é convincente e o adulto é instrutivo! Trata-se na análise de estabelecer a significação de infantil, do infantil para cada sujeito, mesmo que este ainda venha impregnado com uma marca de doença.

E Freud insiste:

“O que está em discussão, portanto, é a significação do fator **infantil**. O problema é encontrar um caso que possa estabelecer essa significação para além de qualquer dúvida. No entanto, é esse o caso que está sendo exposto de modo tão exaustivo nestas páginas e que se distingue pela característica de que a neurose da vida adulta foi precedida por uma neurose nos primeiros anos da infância. Foi exatamente por essa razão, na verdade, que o escolhi para ser relatado”.

Assim a neurose se impõe ao sujeito “lá de onde ele estava antes que o sujeito viesse ao mundo” (Lacan, Instância da letra, p. 534) – explicação de Freud a Hans sobre o complexo de Édipo.

De volta a 1905: Freud publica dois outros casos: o de Hans, sua única experiência de análise com uma criança, e o do Homem dos Ratos. No primeiro, o significante infantil aparece atrelado à angústia, angústia infantil. E curiosamente, a expressão **neurose infantil** surge no pós-escrito, de 1922, quando de seu encontro com o Hans adulto. Lemos também a mesma observação feita na elaboração do caso do Homem dos Lobos em relação à peculiaridade do trabalho direto com a criança:

“Quando um médico trata de um neurótico adulto pela psicanálise, o processo que ele realiza de pôr a descoberto as formações psíquicas, camada por camada, capacita-o, afinal, a construir determinadas hipóteses quanto à sexualidade infantil do paciente; e é nos componentes dessa última que ele acredita haver descoberto as forças motivadoras de todos os sintomas neuróticos da vida posterior (...). Mas até mesmo um psicanalista pode confessar seu desejo de ter uma prova mais direta, e menos vaga, desses teoremas fundamentais. Seguramente deve existir a possibilidade de se observar em crianças, em primeira mão e em todo o frescor da vida, os impulsos e desejos sexuais que tão laboriosamente desenterramos nos adultos dentre seus próprios escombros — especialmente se também é crença nossa que eles constituem a propriedade comum de todos os homens, uma parte da constituição humana, e apenas exagerada ou distorcida no caso dos neuróticos”.

Essa diferença que Freud estabelece redimensiona o estatuto da fala: ao adulto em análise cabe reconstruir, através da palavra, aquilo que diz respeito ao traumático do sexual, da experiência sexual infantil, de um momento em que a fala articulada ainda não estava em jogo. Quanto à criança, mesmo que ela já faça uso de uma língua articulada, a experiência do sexual – que Freud chama de perversão polimorfa – será apagada pela amnésia infantil, ficando como traço (do) inconsciente.

No caso de Hans, paradigmático para pensarmos a particularidade do dispositivo de trabalho com criança, no uso do desenho, no caso específico do desenho da girafa, o traço faz letra a ser significantizada. Apesar de o conjunto de traçados montarem uma figuração reconhecida – o animal girafa –, há um jogo de traçados em que um em especial, o traço do pipi, marcará a investigação do menino sobre a diferença sexual e a castração. Algo ainda não possível de ser formulado pela fala e que irá aparecer no desenho.

Em relação ao Homem dos Ratos, o significante **infantil** aparece definido de modo preciso, recebendo uma formulação conceitual, fechando o cerco do infantil à criança. Para Freud, a verdade histórica é uma das últimas preocupações do inconsciente, porque o psicanalista deve tomar partido da realidade psíquica. Assim, da teoria da sedução, Freud chega à teoria da fantasia, em que se impõe a construção do conceito de realidade psíquica inconsciente e, como consequência, o surgimento do conceito de **infantil**.

“Observei que, aqui, ele havia incidentalmente atingido uma das principais características do inconsciente, ou seja, a relação deste com o *infantil*. **O inconsciente, expliquei, era o infantil**; era aquela parte do eu (*self*) que ficara apartada dele na infância, que não participara dos estádios posteriores do seu desenvolvimento e que, em consequência, se tornara “*recalcada*””.

A partir dessa posição, fica posto que a única entrada para a infância do adulto – barrada pela amnésia infantil e excluindo qualquer visada de caráter historicista, – será dado pelo testemunho do real e não pela procura de uma origem perdida. A crise infantil de Hans – uma criança – seguida, bibliograficamente falando, do caso do Homem dos Ratos – um adulto – testemunham isso.

Assim se infante ou criança não é sinônimo de infantil e é deste mesmo infantil que se trata numa análise com sujeitos chamados de adultos, fica claro que, ao contrário da criança, o infantil não se desenvolve: o infantil define aquilo que da criança não se desenvolve; ele é da ordem do real e da ordem da fixação. E explorar as relações primárias do sujeito com o Outro a partir do infantil nos remete à constituição fantasmática desse mesmo sujeito.

E de que infantil se trata quando se fala de criança? Refiro-me, pois, à exploração do *infans* em sua relação com o Outro materno. A criança só sobrevive pelo desejo, pela linguagem e pelo gozo daquele que se ocupa dela – costumamos chamar de mãe a essa figura e/ou função. As fases libidinais descritas por Freud funcionam como traços de gozo, traços esses que montam uma espécie de matriz da relação do sujeito com esse Outro. E essa relação fixada de gozo – gozo que surge na fixação de uma borda onde se

inscreve o significante – entre a criança e o Outro materno será regulada pela fantasia ou fantasma, aquilo que é o mais íntimo do sujeito. A clínica do infantil, portanto, trabalha com a divisão do sujeito entre significante e gozo.

Nesse ponto, relato brevemente três situações de análise, mostrando a posição de cada criança em relação ao Outro materno.

A. de 04 anos estuda na creche desde os 02 e ainda não conseguiu articular sua fala de modo inteligível. É uma criança agitada, com rompantes dirigidos aos outrinhos, insone e sem relação social. É filho bastardo de um pai que possui outra família. Sua mãe escolheu tê-lo para não ficar sozinha, almejando construir uma família constituída de apenas dois elementos: ela e o filho. Em entrevista preliminar, a mãe desesperada por não saber como encaminhar as queixas provenientes da instituição, pede ajuda para que eu a ensine a educar e, por extensão, a ser mãe. Seu filho dirige-lhe um “gromelô” incompreensível... e a mãe me olha com cara de súplica para que eu ‘traduza’ aquela fala, isto é, para que eu ocupe um lugar de Outro e articule o seu desejo em relação ao filho. Eis uma criança abandonada por seu Outro numa estrutura de linguagem psicótica?

D. é uma criança de 03 anos, bastante simpática e sedutora, que já incluiu o outro em suas relações, apesar de apresentar uma fala confusa de “tatibitate”, um pouco atrasada para sua idade. Conversando com sua mãe, em entrevista a três, o menino dirige-se a mim e conta uma longa história que pouco entendi em termos de conteúdo, mas onde fiz função de testemunho de um dizer. Terminada a história, imediatamente sua mãe ‘traduz’ a narrativa, obtendo o consentimento imediato de sua tradução por seu filho. Eis uma criança abocanhada pela mãe numa estrutura de linguagem neurótica?

E. é uma criança de aproximadamente 03 anos, filho único, muito ligado aos pais, impositivo e reativo a qualquer suposta invasão de seu espaço subjetivo-geográfico. Em grupo, funciona como sendo o *Um* gozador a quem todos devem obediência. Em sessão, necessita repetidamente introduzir a mãe na cena do dispositivo através de um telefone de brinquedo: liga para ela ou o telefone ‘toca’; durante a conversa ao telefone, cria uma língua dual que apenas os dois entendem. Ao desligar o telefone, conta-me, em português, o que ambos conversaram. Eis uma criança que abocanhou a mãe numa estrutura de linguagem perversa?

O infantil, enfim, é o que depende da presença do Outro real.

É preciso inscrever a castração na estrutura, através do significante Nome do pai, para que a criança não devore; não seja devorada ou abandonada pelo Outro caprichoso, neste caso mantendo-se como objeto fantasmático da mãe que faz uso do filho para dar consistência a seu Outro.

Na psicanálise com criança há de se apostar no ato analítico para que uma criança se separe de seu Outro, torne-se sujeito de sua fal(t)a. A questão crucial fica para o fim: pode haver travessia do fantasma e sua respectiva destituição subjetiva em se tratando de uma psicanálise com criança?